

A era do garimpo pode estar chegando ao fim na região amazônica

por Christina Lamb do Financial Times

Zé Arara é um mito entre os garimpeiros de ouro brasileiros. Depois de já ter feito fortuna e perdido tudo três vezes, Zé agora acredita que está próximo da quarta, uma opinião evidentemente compartilhada pelas centenas de homens famintos que chegam a cada dia na zona de mineração de ouro do El Dorado.

"Este é o mais rico ouro da Amazônia, talvez do mundo todo", diz ele. Essas descobertas estão ficando raras, no entanto. A enxurrada de centenas de milhares de aventureiros que vêm do empobrecido Nordeste do Brasil para a maior floresta equatorial do mundo em busca de fortuna começou em 1979, quando o preço mundial do ouro atingiu o seu pico (chegando a US\$ 850 por onça-troy em 1980).

O ouro sofreu um desaquecimento dramático, no entanto. Nos garimpos da Amazônia, como Itaituba e Alta Floresta, que já exibiram um nível de atividade fervilhante, as fundições de ouro estão atualmente fazendo poucos negócios.

"Isso aqui foi a maior corrida do ouro do mundo, ultrapassando de longe a de Klondike (nos EUA), mas está dando sinais de esgotamento", diz Peter Rich, um especialista em ouro que trabalha no Rio de Janeiro.

Outros são mais categóricos. "A era dos garimpeiros está no fim", assegura Elmer Prata Salomão, diretor-geral do Departamento Nacional da Produção Mineral (DNPM). Segundo ele, a pressão dos ambientalistas, que acusam os garimpeiros de estarem destruindo a floresta, somada ao esgotamento dos depósitos superficiais, à alta dos custos e à queda dos preços mundiais do ouro, resultou no fato de que neste ano, pela primeira vez, a produção das empresas mineradoras vai ultrapassar a dos mineradores autônomos. A produção dos garimpeiros, diz ele, caiu de 90 toneladas em 1988 para 25 toneladas neste ano.

Zé Arara se recusa a aceitar esse diagnóstico. Seu nome de batismo é José Araújo, mas o apelido que adotou inspirou o símbolo que ele pintou nas caminhonetas, cujas peças aguardam agora a remontagem, depois de transportadas por via aérea a El Dorado. Ele está sempre em movimento. Atualmente com 60 anos de idade, é uma figura exótica, com seu chapéu de palha e seu ventre flácido. Zé Arara já foi dono de 41 lojas e 17 aviões. Ele diz ter vendido 15 toneladas de ouro para o Banco Central (BC) do Brasil desde 1973.

O valor do ouro não é tão importante quanto sua descoberta

O seu é um exemplo clássico do lema do garimpeiro de que o valor do ouro não é tão importante quanto encontrá-lo. Ao ver os grânulos falcantes aparecerem à medida que o garimpeiro garimpa a água lamacenta, entende-se facilmente o que atrai tantas pessoas para essa vida extremamente penosa. Quando alguém tem sorte de encontrar muitos grânulos, a barulheira é enorme e vão todos beber no Ouro Verde, onde um grama de ouro vale três cervejas. Muitas vezes o dinheiro é esbanjado com prostitutas e numa noite na suíte presidencial de um hotel da cidade grande, deixando o minerador "blefado" ou falido.

No aeroporto de Itaituba, grupos de garimpeiros de olhos fundos esperam o pequeno avião que é o único meio de transporte na enorme floresta. Eliase, um minerador do Maranhão, diz: "Eu tenho um amigo que encontrou 900 gramas de ouro e gastou tudo na farrá. Ele voltou 'blefado', sem trazer sequer uma peça de roupa nova. Mas estava feliz — agora sabia o que era ser rico por um dia".

A ânsia de encontrar ouro leva a maior parte dos garimpeiros a trabalhar com base num percentual, ganhando 10 ou 20% do patrão, ou proprietário do campo de garimpo, em troca de usar uma bomba, uma mangueira, uma calha ou uma britadeira mecânica. Frequentemente passam semanas sem ganhar nada, morando debaixo de plásticos estendidos e não raro pegando malária, doença endêmica na região.

A mineração não-autorizada de ouro é tecnicamente ilegal, mas o governo se contenta em comprar o ouro, que é usado para estabilizar o cruzeiro, numa operação que contribuiu para a queda dos preços no mercado mundial. Em alguns anos, o garimpo respondeu por não menos do que 90% da produção brasileira de ouro.

Sensível à opinião pública internacional, o governo brasileiro explodiu campos de pouso em Roraima para desestimular a atividade mineradora numa área tida por alguns especialistas, como encerrando depósitos que poderiam ultrapassar de longe os de Mato Grosso e Pará, atualmente os maiores estados produtores de ouro.

Mas Roraima também é a área que abriga os índios yanomami, e registraram-se violentos conflitos no começo de outubro, quando a polícia tentou expulsar os garimpeiros das reservas indígenas.

O governo não deverá fechar os garimpos à força, no entanto. Os mineradores conseguiram colonizar a Amazônia numa extensão, em que os projetos de colonização agrícola dos anos 80 não conseguiram. Há não menos que 800 mil mineradores trabalhando em 2 mil garimpos, com uma população três vezes maior que faz a retaguarda do seu trabalho — ganhando a vida como prostitutas, pilotos ou mecânicos ou atendendo em bares, restaurantes e lojas.

Embora o ouro do garimpo seja uma atividade que movimentava 1 bilhão de dólares, para a maior parte dos trabalhadores ele significa apenas a sobrevivência.

A maioria dos garimpeiros são homens entre 15 e 35 anos provenientes do Nordeste, castigado pela seca. Se eles tivessem que sair da Amazônia, não teriam outra opção além de engrossar os contingentes cada vez maiores de desempregados que se concentram nas insolúveis cidades brasileiras.

Devido à sua fama de violentos, no entanto, eles conquistaram pouca simpatia da opinião pública na esfera mais ampla da política.

Hostilizados pelos ecologistas e pressionados pela situação econômica, os garimpeiros terão de formar associações ou cooperativas através das quais possam comprar maquinaria e lutar pelos seus direitos. opina Elmer Prata Salomão. "Tudo indica que os garimpeiros tal como os conhecemos, estão sendo substituídos por unidades de produção legal organizada que defendem suas causas em tribunais, em vez de o fazerem com a força das armas", diz ele.

A tradicional imagem do garimpeiro, de uma "formiga" com uma bâteia nas costas, já desapareceu. Atualmente a maioria deles usa algum tipo de instrumento mecânico. O estabelecimento de Zé Arara, que emprega 3 mil pessoas pagas com uma percentagem da produção, opera com uma pequena empresa mineradora, mesmo considerando-se que parte dos seus equipamentos é algo primitivo.

Alguns garimpeiros estão encontrando poucos empregos nas empresas mineradoras. John Bentley, superintendente da Mineração São Bento, que está operando numa área de garimpo, explica: "Acho que podemos coexistir, porque nós estamos procurando por minério de teor muito mais baixo do que o que eles podem encontrar", inaugurando uma divisão de escala industrial, estaremos abrindo do postos de trabalho e uma economia sustentada".

Mesmo Zé Arara, embora recusando-se a admitir que o fim se aproxima, reconhece que os garimpeiros poderão desaparecer naturalmente nos próximos 30 anos, talvez passando para a exploração madeireira ou qualquer outra atividade polêmica do ponto de vista ambiental.

Não obstante, em El Dorado a era do garimpo parece longe de acabar. O movimento nas pistas de pouso é contínuo, as serrarias trabalham muito, produzindo madeira para a construção de casas, e homens cinzentos usam correntes com pepitas no pescoço, testemunhos de sua dura vida de trabalho.

A ambição de ficar rico está mais viva do que nunca. Joatã, de 20 anos, acabou de chegar no lugar — é um dos 10 mil recém-ingressos na atividade nos últimos meses. "Eu ouvi dizer — lá dá para achar ouro", contou ele, animado, com o entusiasmo próprio de um novato.